

Alguns livros científicos (sécs. XVI e XVII) no “Inventário” da Livreria dos Viscondes de Balsemão¹

Some Scientific Books (16th-17th Centuries) in the “Inventory” of the Library of the Viscounts of Balsemão

JÚLIO MANUEL RODRIGUES COSTA²

*CITCEM — Fac. Letras, Universidade do Porto e CMP — Biblioteca Pública
Municipal do Porto, Portugal*

Abstract: Following a short biographical itinerary of Luís Pinto de Sousa Coutinho (1735-1804), 1st Viscount of Balsemão, we refer to the Library of which he was the prime founder and the main vicissitudes affecting this remarkable aristocratic library. Drawing from a handwritten inventory, still hardly known or studied, we highlight the main features of the Library of the Viscounts of Balsemão, as well as some its scientific books (dating back to the 16th and 17th centuries), currently under the custody of the Oporto Municipal Public Library.

Keywords: Luís Pinto de Sousa Coutinho; Balsemão Library; Inventory; Early scientific books; Oporto Municipal Public Library.

1. Luís Pinto de Sousa Coutinho: breve itinerário biográfico

Luís Pinto de Sousa Coutinho (1735-1804), nobilitado 1^o Visconde de Balsemão em 1801, foi uma figura que alcançou considerável proeminência, não só em Portugal, na segunda metade do séc. XVIII e alvares da centúria seguinte e cuja vida, personalidade e legado mereceriam, certamente, estudo aprofundado e maior divulgação. Na ausência de uma biografia completa que, decerto, se justificaria, recorremos a elementos biográficos dispersos e a contributos válidos de diversos autores, procurando evidenciar aspetos mais relevantes e, sobretudo, facetas menos conhecidas da sua atividade, referenciando sempre documentação de suporte.

¹ Texto recebido em 12.06.2012 e aceite para publicação em 11.07.2012.

Este texto, entretanto desenvolvido com dados suplementares, resulta da Comunicação com o mesmo título proferida no Colóquio Internacional “Inventários, Livros e Ciência”. Aveiro: UA-CLC/ADA/MA, 15 e 16 de março de 2012. http://www.ua.pt/uaonline/upload/med/med_2242.pdf

² juliocosta@cm-porto.pt

Luís Pinto de Sousa Coutinho nasceu a 27 de novembro de 1735 em Leomil, atual Município de Moimenta da Beira, filho de fidalgo cavaleiro da Casa Real e terratenente (o progenitor era Senhor do Morgado de Balsemão). Sobre os primeiros anos da sua vida pouco se sabe. Segundo Borrvalho³, terá frequentado na década de 50 as aulas e experiências do Padre Teodoro de Almeida na Casa Oratoriana das Necessidades que possuía uma das maiores bibliotecas do país, bem como um pequeno laboratório de física e um telescópio. Cursaria depois Matemática na Universidade de Coimbra (o que era relativamente comum nos jovens aristocratas que seguiam a carreira militar) e cumpriu o périplo europeu para completar a sua instrução, como também era costume entre os jovens de linhagem, viajando por Itália, Alemanha e França, acompanhando caravanas como Cavaleiro de Malta. Em 1762, encontramos-lo entre os assinantes da inovadora *Gazeta Literária* (janeiro, tomo 2, letra L, p. [20]) e nesse mesmo ano integra o Regimento de Cavalaria de Almeida como capitão. Em 1765 ocupa já o posto de tenente-coronel do Regimento de Artilharia do Porto, estacionado em Valença do Minho.

Por Carta Patente do Rei D. José, de 21 de agosto de 1767, é nomeado Governador e Capitão General da Capitania de Mato Grosso e Cuiabá⁴ vindo apenas a tomar posse no cargo quase dois anos depois. Algumas fontes referem, neste mesmo ano de 1767, o seu casamento, por procuração, com D. Catarina de Lencastre que se viria a destacar como poetisa⁵, não

³ BORRALHO, Maria Luísa Malato da Rosa, "Por acaso hum viajante...": a vida e a obra de Catarina de Lencastre, 1ª Viscondessa de Balsemão (1749-1824) (Lisboa 2008).

⁴ Sobre a permanência e a atividade de Luís Pinto de Sousa Coutinho no Brasil, veja-se a dissertação de mestrado de CARVALHO, Maria Leonor Mártires Martins de, *A Capitania de Mato Grosso durante o governo de Luís Pinto de Sousa, (1769-1772)* [Texto policopiado]: *subsídios históricos e documentais*. (Lisboa D.L. 1996). 2 vols. Sublinhe-se que o 2º vol. inclui um relevante conjunto de fontes manuscritas, muitas delas objeto de transcrição.

⁵ Com o pseudónimo anagramático 'Nathercia' e denominada por alguns autores como a 'Safo Portuguesa', foi uma proeminente poetisa, ainda que algo esquecida, do pré-romantismo Português. A sua obra foi já objeto de duas teses de doutoramento:

— CUNHA, Zenóbia Collares Moreira, *O pré-romantismo português: subsídios para a sua compreensão* [Texto policopiado] (Lisboa 1992). [6], VII, 720, [1] p.; 29 cm + Errata (1

tendo esta acompanhado o marido para o Brasil o que era usual na época. Outras fontes referem que o casamento terá ocorrido em 1769 ou somente em 1772. Em inícios de 1769 está já em Vila Bela, desempenhando em terras de Vera Cruz as funções administrativas, políticas e militares inerentes ao cargo. Paralelamente, não descurou a veia naturalista e colecionista, pois logo em inícios de 1769 faz chegar à Ajuda uma longa lista de produções naturais exóticas⁶, corresponde-se com Vandelli que, reconhecido pelos seus préstimos como naturalista, exarará no *Hortus Olisiponensis*⁷ uma nova planta com um táxone — *Balsamona Pinto* — em sua homenagem. Esta forte ligação ao mundo natural do Brasil encontra-se ainda bem patente na sua biblioteca particular onde pontuam manuscritos e impressos alusivos a esta temática como, por exemplo, o códice hoje denominado ‘*Desenhos de História Natural: Zoologia e Botânica do Brasil*’ ou a emblemática obra ‘*Historia Naturalis Brasiliae*’.

Não se terá adaptado ao Brasil e ao seu clima tropical porquanto, decorrido relativamente pouco tempo após a sua chegada, solicita a sua substituição no governo da Capitania por motivo de doença, presumivelmente uma oftalmia. Em 1770 e, sobretudo, em 1771 vai insistir recorrentemente neste pedido por via epistolar⁸, diretamente junto de altos

f.). Tese de doutoramento apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

— BORRALHO, Maria Luísa Malato da Rosa, *D. Catarina de Lencastre (1749-1824)* [Texto policopiado]: *libreto para uma autora quase esquecida* (Porto 1999) 2 vols. Tese de doutoramento apresentada na Faculdade de Letras, Universidade do Porto.

⁶ Carta a Domingos Vandelli (Vila Bela, 8 de fevereiro de 1769), AHMB, CN/B-92. Apud BRIGOLA, João Carlos Pires, *Coleções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*. ([Lisboa] 2003) 388.

⁷ Disponível em linha na Biblioteca Nacional Digital — PURL: <http://purl.pt/15104/1/P276.html>; sobre o táxone ‘*Balsamona Pinto*’, vejam-se: The International Plant Names Index (2008). [Em linha]. [Consultado em 5 fev. 2012]. Disponível em : <<http://www.ipni.org/ipni/idPlantNameSearch.do?id=28816-2>> e The Plant List (2010). Version 1. [Em linha]. [Consultado em 5 fev. 2012]. Disponível em: <<http://www.theplantlist.org/tpl/record/kew-2747935>>.

⁸ Vejam-se, a este propósito:

— Ofício a Francisco Xavier de Mendonça Furtado (Forte de Bragança, 5 de novembro de 1770), AHU, Mato Grosso, Cx. 14, Doc. 47. Apud CARVALHO, Maria Leonor Mártires Martins de, op. cit., vol. 1, 357.

dignitários do reino ou por interposta pessoa, alegando como razão primordial o seu precário estado de saúde e invocando adicionalmente, num ofício dirigido ao Marquês de Pombal, o abandono da sua casa e família (o que sugere que nesta data já estivesse casado, reforçando assim a tese do casamento, por procuração, entre 1767 e 1769). Em 24 de dezembro de 1772 escreve de Vila Bela ao seu sucessor, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, transmitindo-lhe instruções sobre o governo da Capitania de Mato Grosso.

Em 1773 encontra-se já em Lisboa com D. Catarina de Lencastre aí vivendo conjugalmente. Todavia, o casal não permanecerá muito tempo na capital do reino porquanto, em maio de 1774, embarca para Inglaterra onde Luís Pinto de Sousa Coutinho substituirá Martinho de Melo e Castro como Ministro Plenipotenciário junto da Corte de Londres. O filho primogénito do casal é batizado em Falmouth, Cornualha, a 30 de maio desse mesmo ano. A atividade diplomática de Luís Pinto de Sousa Coutinho na Grã-Bretanha decorre entre 1774 e 1788, acompanhando acontecimentos importantes como a Guerra da Independência dos EUA e negociando diligentemente a adesão de Portugal à denominada Liga dos Neutros, com licenças e estadas mais ou menos prolongadas em Lisboa; por exemplo, entre 1783 e 1785, é chamado à Corte para negociar, com as suas reconhecidas qualidades de diplomata, acordos nupciais entre as Coroas Portuguesa e Espanhola. Durante este período de 14 anos e paralelamente às suas funções diplomáticas, corresponde-se e relaciona-se com reputadas personalidades académicas e científicas da época e em 19 de abril de 1787 é

— Ofício a Martinho de Melo e Castro (Vila Bela, 3 de abril de 1771), AHU, Mato Grosso, Cx. 14, Doc. 60. Apud CARVALHO, Maria Leonor Mártires Martins de, op. cit., idem, 358.

— Ofício ao Marquês de Pombal (Vila Bela, 1 de dezembro de 1771), AHU, Mato Grosso, Cx. 15, Doc. 23. Apud CARVALHO, Maria Leonor Mártires Martins de, op. cit., idem, 364-365.

— Ofício a Martinho de Melo e Castro (Vila Bela, 1 de dezembro de 1771), AHU, Mato Grosso, Cx. 15, Doc. 24. Apud CARVALHO, Maria Leonor Mártires Martins de, op. cit., idem, 365.

— Carta a Domingos Vandelli solicitando a intercessão deste junto do Marquês de Angeja (Vila Bela, 1 de dezembro de 1771), AHMB, CN/B-93. Apud BRIGOLA, João Carlos Pires, op. cit., 389.

eleito *Fellow* da Royal Society⁹, sendo um dos restritos 25 sócios portugueses daquela prestigiada instituição científica que congregou nomes como Teodoro de Almeida, Correia da Serra e Garção Stockler.

Em finais de Setembro de 1788 regressa a Portugal sendo então nomeado interinamente Secretário dos Negócios Estrangeiros e da Guerra vindo a partir daí a ocupar consecutivos cargos ministeriais. Durante o seu primeiro ministério impulsionou, com a nomeação de Francisco António de Ciera, o desenvolvimento da geodesia em Portugal lançando-se então as modernas bases técnico-científicas para a triangulação do território nacional¹⁰. Homem culto, maçã¹¹, sincero amigo e protetor das ciências e da

⁹ Proposto por insígnias personalidades e cientistas da época, à cabeça dos quais o naturalista e botânico Joseph Banks, então Presidente da própria Royal Society (cf. documentação de arquivo existente em linha nesta ilustre instituição científica). Luís Pinto de Sousa Coutinho regressa a Portugal a 22 de setembro de 1788 (cf. *Gazeta de Lisboa*, nº 39, 1º suplemento, 1788) e, quatro anos volvidos, recorre aos seus conhecimentos em Inglaterra para ajustar, por intermédio de Cipriano Ribeiro Freire, a vinda de Londres para Lisboa do Reverendo Doutor Francis Willis, médico real de Jorge III, para tratar a doença mental da Rainha D. Maria I. Convencido ao mais alto nível e contratado por colossal estipêndio, Willis, já com prolecta idade, desloca-se e permanece em Lisboa de 15 de março de 1792 a inícios de agosto desse mesmo ano; infelizmente, os seus tratamentos, parcialmente bem-sucedidos com o monarca britânico e que lhe tinham granjeado reputação e fama, não tiveram quaisquer efeitos positivos na Rainha Pia.

¹⁰ SALGUEIRO, Nuno Miguel dos Santos, *Fabricar o território: os equipamentos do sistema produtivo português (1670-1807)* (Coimbra 2006) 137. Dissertação de mestrado em Arquitetura, Território e Memória, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra. [Consultado em 20 jan. 2012]. Disponível em: <[https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/3745/1/Nuno%20Salgueiro Fabricar%20o Territ %c3%b3rio.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/3745/1/Nuno%20Salgueiro%20Fabricar%20o%20Territ%C3%B3rio.pdf)>.

¹¹ É verosímil pensar que a sua adesão à Maçonaria remonte ao período londrino. Em MARQUES, A. H. de Oliveira, *História da maçonaria em Portugal* (Lisboa 1990) vol. 1, 76, 86 e 134, colhem-se alguns dados pertinentes como o da realização de sessões da sexta loja de Lisboa na casa aos Arciprestes, na freguesia de Santa Engrácia, por volta de 1790. Alguns anos depois, um bilhete da Condessa de Oeynhausen, futura Marquesa de Alorna, a seu irmão, o Marquês de Alorna, é bem elucidativo: “(...) Esqueci-me de dizer-te que Pinto disse hoje, à mesa, quase em público, que o príncipe estava muito agoniado com a multidão de franco-maçons que havia: e que ele o tinha tranqüilizado sobre estas matérias. Parece-me que o melhor seria dizer-lhe a verdade; e declarar-lhe que todos os três o são (...)”; IHGB, lata 21, doc. 2, fl. 2., ca. 1802. Apud GONÇALVES, Adelto, *Gonzaga: um poeta do Iluminismo* (Rio de Janeiro 1999) 481.

instrução, Luís Pinto de Sousa Coutinho reconhece a importância da ciência e da sua prática para o progresso das nações procurando fomentar este desígnio no exercício das suas funções governativas. É do seu punho uma minuciosa “*Instrução...*”, assinada em 31 de maio de 1790, que levou de Portugal para Paris e depois para vários países da Europa três ilustres homens de ciência para aprofundamento dos seus conhecimentos técnicos e científicos¹². No âmbito castrense ensaia políticas de reestruturação e modernização, com especial enfoque no ensino e formação do oficialato, fomentando a instrução prática e também a componente teórica e técnica militar na área das ciências exatas; são exemplos destes propósitos, a criação em 1790 da Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho Militar e, também por sua iniciativa, a reformulação em 1796 dos Estatutos da Academia Real dos Guarda-Marinhas. Pouco tempo antes de falecer manda publicar, em 29 de julho de 1803, os Estatutos da Academia Real de Marinha e Comércio da Cidade do Porto.

No domínio da política externa e na sequência do envolvimento português na Campanha do Rossilhão e Catalunha (1793-1795), na qual Luís Pinto de Sousa Coutinho terá tido certamente papel ativo nas negociações referentes à participação do contingente auxiliar português, assiste-se a um agravamento das tensões e rivalidades geopolíticas, nomeadamente entre a França e a Grã-Bretanha, pela hegemonia na Europa e no Mundo de então; apesar dos esforços da Coroa Portuguesa para se manter neutral, a envolvente externa deteriora-se de tal forma que Portugal é arrastado para um conflito que viria a culminar com a invasão do Alentejo pelo exército

¹² Esta viagem, custeada pelo Real Erário, levou de Portugal para vários países da Europa três homens de ciência — Manuel Ferreira da Câmara Bettencourt e Sá (chefe da expedição), Joaquim Pedro Fragoso da Mota de Sequeira e José Bonifácio de Andrada e Silva — com o objetivo de aperfeiçoarem os seus conhecimentos científicos, principalmente nos ramos da química, mineralogia e montanística. Durante um período de cerca de dez anos (1790-1800), contactaram com os mais importantes centros científicos europeus e, também, com as correspondentes legações diplomáticas portuguesas. A instrução manuscrita de Luís Pinto de Sousa Coutinho, integralmente digitalizada no sítio web do projeto “*José Bonifácio — Obra Completa*” [Documento eletrónico], pode ser consultada em linha no seguinte URL: <http://www.obrabonifacio.com.br/colecao/obra/18800/digitalizacao/pagina/1>.

espanhol de Carlos IV, aliado de Napoleão Bonaparte, num episódio bélico que, decorrendo em escassos 18 dias entre maio e junho de 1801, ficou conhecido como a Guerra das Laranjas (originando a “questão de Olivença”) e que muitos autores consideram o prelúdio das Invasões Francesas. Coube a Luís Pinto de Sousa Coutinho, na qualidade de Secretário de Estado dos Negócios do Reino, Tenente General dos Exércitos e plenipotenciário por parte de Portugal, ajustar, nos termos possíveis face às circunstâncias adversas, o Tratado de Badajoz¹³ chancelado naquela cidade espanhola em 6 de junho de 1801 e que pôs termo à refrega. Por decreto de 14 de agosto de 1801, o príncipe regente D. João concede-lhe, com honras de Grande do Reino, o título de Visconde de Balsemão que acresce a outras mercês e dignidades de que já era detentor. Continua interinamente na pasta dos Negócios Estrangeiros que acumula com a pasta dos Negócios do Reino, incumbência que desempenhará novamente durante 5 meses no último semestre de 1803.

Integrando a elite ilustrada da nação relaciona-se com destacados membros da Academia de Ciências de Lisboa de que terá sido sócio honorário. Diversos autores atribuem-lhe a autoria da *Memória sobre a descrição física e económica do lugar da Marinha Grande e suas visinhanças*, equívoco frequentemente reproduzido, mas que foi efetivamente redigida pelo seu filho, o 2º Visconde de Balsemão; outros alegados escritos (*Écloga à morte de uma dama* em 131 versos hendecassílabos soltos e tradução em verso solto do poema *Arte da Guerra*, de Frederico II da Prússia) carecem de prova documental. De sua autoria comprovada registe-se uma pequena obra poética (cinco odes, uma écloga, uma epístola, um epitalâmio e um soneto), digna de atenção e praticamente inédita até ao ano 2000, que revela “um autor versátil que introduz alguma novidade na linguagem corrente

¹³ Na realidade, 2 tratados: 1 com Espanha, firmado por Manuel de Godoy e 1 com França, incluindo uma adenda com 5 artigos secretos, assinado por Luciano Bonaparte. As representações digitais destes Tratados estão disponíveis em linha no sítio web da Direção Geral de Arquivos / Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Ver, por exemplo, o seguinte URL: <http://digitalq.dgarq.gov.pt/results?t=Tratado+de+Paz+Coutinho&r=True&s=CompleteUnitId&sd=False>

do arcadismo”¹⁴. Uma breve notícia no *Almanach de Lisboa para o anno de 1803* (p. 543) dá-nos conta da existência de um gabinete de história natural pertencente a Luís Pinto de Sousa Coutinho localizado em Belém; muito pouco se sabe sobre o seu conteúdo e organização, mas é muito provável que este gabinete “(...) assez bien assortie, surtout dans la partie de minéraux et de coquillages(...)” seja basicamente o mesmo que alguns autores coevos¹⁵ referem como pertencendo ao seu filho primogénito e 2º Visconde de Balsemão.



Luís Pinto de Sousa Coutinho (1735-1804), 1º Visconde de Balsemão
Fonte: BNP / Biblioteca Nacional Digital. PURL: <http://purl.pt/11848>

¹⁴ TOPA, Francisco, *Poemas dispersos e inéditos de Luís Pinto de Sousa Coutinho, 1º Visconde de Balsemão*. [Em linha] (Porto 2000). [Consultado em 27 jan. 2012]. Disponível em: <[http://web.lettras.up.pt/ftopa/LivrosPdf/Luis% 20Pinto.pdf](http://web.lettras.up.pt/ftopa/LivrosPdf/Luis%20Pinto.pdf)>.

¹⁵ Cf. LINK, Heinrich Friedrich, *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799* (Paris 1803), tomo 1, 297-302, Apud Brigola, op. cit. 333-334 e, cerca de 20 anos depois, BALBI, Adriano, *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres états de l'Europe, et suivi d'un coup d'oeil sur l'État actuel des sciences, des lettres et des beaux-arts parmi les portugais....* (Paris 1822) vol. 2, 93-94.

Luís Pinto de Sousa Coutinho morre (Lisboa, Ajuda) a 14 de abril de 1804 com 69 anos de idade. Em suma: se a carreira político-diplomática do 1º Visconde de Balsemão é relativamente conhecida, já outras facetas da sua vida e personalidade — naturalista amador, colecionador, maçã, poeta e bibliófilo — permanecem ainda pouco conhecidas, exploradas e divulgadas. O estrangeirado Luís Pinto de Sousa Coutinho (cerca de 15 anos da sua vida decorreram além fronteiras lusas), com abertura de espírito às ideologias mais progressistas da época, encarna bem o ideário das luzes, acarinhando a ciência (principalmente a história natural) e a pena (poesia), mas não descurando a espada (mais na vertente política e diplomática, do que na militar).

No seu solar de Leomil, atualmente em ruínas¹⁶, ainda se podem vislumbrar vestígios de um relógio de Sol carcomido pelo tempo e, no imponente portal armoriado lavrado em granito, uma inscrição em latim que alude precisamente ao astro-rei e sintetiza com altivez a divisa da linhagem Balsemão: “Esta família tem mais brilho que a própria luz do sol”.

2. A Livraria dos Viscondes de Balsemão: da criação à incorporação na Biblioteca Pública Municipal do Porto

Luís Pinto de Sousa Coutinho foi o grande obreiro da Livraria ou Biblioteca Balsemão. Constituída e reunida, na sua maior parte, ao longo da sua vida e “andanças” (Lisboa, Brasil, Londres, Madrid, Porto, ...), reflete os interesses pessoais e profissionais do seu proprietário que, decerto, dela tiraria prazer intelectual e utilidade prática. Relativamente a este último aspeto, não despidendo, sublinhe-se, por exemplo, a sua coleção privada de documentos cartográficos que constituíram preciosos instrumentos de trabalho no apoio à sua atividade político-diplomática ao serviço do Reino de Portugal. Não ignoramos que possuir uma biblioteca com alguma dimensão era também socialmente prestigiante à época, sobretudo nas

¹⁶ Vejam-se imagens e textos nos seguintes URL's:

<http://moimentananet.blogspot.pt/2011/03/o-relogio-de-sol-do-solar-dos-viscondes.html>

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=398192&page=41>

<http://brasoesdenome.blogspot.pt/2008/03/vila-de-leomil-moimenta-da-beira.html>

classes superiores da sociedade onde a linhagem Balsemão se inseria. Todavia, não temos grandes dúvidas que Luís Pinto de Sousa Coutinho tinha o gosto pelos livros, pela sua aquisição¹⁷, posse e utilização não se movendo, neste âmbito, por mero diletantismo. É também nossa convicção que a condição social de Luís Pinto de Sousa Coutinho, a sua atividade diplomática e política, interesses científico-culturais e a circunstância de possuir recursos pecuniários consideráveis, contribuíram seguramente para suportar a sua veia colecionista e bibliófila enriquecendo a sua biblioteca pessoal.

Não obstante ser uma biblioteca privada e com cariz erudito, era franqueada, na Legação de Portugal em Londres (e posteriormente em Lisboa), a grupos restritos de utilizadores meramente instruídos ou cultos¹⁸.

¹⁷ Refira-se, a este propósito, que Luís Pinto de Sousa Coutinho foi o promotor da aquisição na Holanda, em 1781, do precioso códice de teor cartográfico “*Rezão de Estado do Brazil*”, bem como o licitante de 44 impressos adquiridos no leilão do British Museum realizado em Londres pela firma Leigh & Sotheby em Março de 1788. Sabemos também que em 1799 o futuro Conde da Barca remete-lhe de Hamburgo diversos livros científicos. Mencione-se ainda o facto de várias obras lhe terem sido oferecidas ou dedicadas pelos próprios autores, como por exemplo o Ms. 542 da BPMP de António Landi.

¹⁸ Terá sido o caso de António de Morais e Silva, o pai da lexicografia brasileira, que, fugido da Inquisição de Coimbra, encontrou em Inglaterra a proteção de Luís Pinto de Sousa Coutinho, tendo exercido por algum tempo o cargo de secretário particular da Legação. Em Londres, cercado de bons livros, longe da Inquisição e sob influente proteção, terá composto o seu célebre Dicionário da Língua Portuguesa, compulsando a “mui escolhida e copiosa livraria” do embaixador. Cf. MENEGAZ, Ronaldo, “António de Morais Silva (1757-1824)”: *Revista Convergência Lusitana* 24 (2007) 337-341. O próprio Morais desvenda e confirma, de algum modo, esta circunstância, como se infere no Prólogo da primeira edição de 1789 do ‘Dicionário de Moraes’, cujo excerto aqui reproduzimos: “(...) Nao he porém do toque destas a do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Luis Pinto de Sousa Coutinho , Senhor de Balsemáo, Tendáes, e Ferreiros, Varao benemérito da Humanidade, e da Patria, a quem sobre infinitos beneficios, e os mayores que se podem pretender neste mundo, devo o de me franquear a sua mui escolhida, e copiosa Livraria. Nella achei boa copia dos nossos Livros Clássicos, de cuja leitura vim a conhecer me era necessario estudar a Lingua materna, que eu, como múita gente, presumía saber arrazoadamente (...)”. Cf. documento em linha no acervo digital do Projeto Brasiliana USP no seguinte URL: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00299210#page/9/mode/1up>

O núcleo bibliográfico londrino acompanhou certamente o seu proprietário no *packet-boat* Falmouth-Lisboa aquando do regresso, em setembro de 1788, do futuro 1º Visconde de Balsemão à Capital do Reino de Portugal. Entre finais de setecentos e inícios de oitocentos, a livraria foi seguramente enriquecida com novas aquisições e ofertas. À data da morte (1804) de Luís Pinto de Sousa Coutinho, entretanto nobilitado Visconde de Balsemão, a sua livraria particular teria mais de 10.000 volumes, entre manuscritos e impressos, constituindo à época uma das maiores bibliotecas privadas em Portugal. A biblioteca terá sido transferida de Lisboa para o Porto, ainda em vida ou pouco tempo decorrido após a sua morte, sendo instalada em edifício apalaçado, sito na então Praça dos Ferradores, ou Feira das Caixas, já na posse da Família Balsemão por casamento, em 1800, do seu filho primogénito e futuro 2º Visconde de Balsemão, Luís Máximo Alfredo Pinto de Sousa Coutinho¹⁹, com D. Maria Rosa Alvo Brandão Perestrelo de Azevedo. Este edifício, situado na Praça de Carlos Alberto, é atual e justamente designado por Palacete dos Viscondes de Balsemão²⁰. Sabemos que nesta casa portuense e na ausência de uma biblioteca pública na cidade, o 2º Visconde continuou “(...) a franquear quotidianamente ao Público a sua grande e selecta livraria (...)”, não descurando inclusivamente a

Sabe-se também que as várias residências habitadas por Luís Pinto de Sousa Coutinho na capital portuguesa foram palco de reuniões sociais e culturais (saraus, cenáculos literários, ...) onde confluíam poetas, intelectuais e personalidades da elite lisboeta de setecentos.

¹⁹ Lídimo representante das tradições intelectuais da família e autor de vários escritos é por vezes confundido, até pela paronímia onomástica, com o seu pai, o 1º Visconde de Balsemão; uma boa e documentada síntese biobibliográfica poderá ser colhida no estudo (introdução, transcrição, notas e conclusão) de MENDES, José M. Amado, “Memória sobre a Província do Minho pelo 2º Visconde de Balsemão”: *Revista Portuguesa de História* 18 (1980) 31-105, [5] p. + 2 anexos em p. desdobr.

²⁰ Uma visão muito aproximada do que seria este edifício à época poderá ser aquilatada na Estampa nº 22, reproduzida no corpo do texto infra, da obra de VILANOVA, Joaquim Cardoso Vitória, *Edifícios do Porto em 1833* [Documento icónico]: *álbum de desenhos de Joaquim Cardoso Vitória Vilanova* (Porto 1987) 1 pasta (102 estampas fotomecânicas): p&b; 22x21 cm + folheto com texto (23 p.). Para informação mais detalhada sobre a localização, características arquitetónicas e artísticas, proprietários e usos do edifício ao longo do tempo, veja-se: CABRAL, Luís, *O Palacete dos Viscondes de Balsemão* (Porto 2000).

atualização da coleção “(...) para auxilio da qual fez ainda vir de França huma copiosa collecção dos melhores livros (...)”²¹



Casa Balsemão, Porto, 1833 (antigo Largo dos Ferradores, actual Praça de Carlos Alberto). Fonte: BPMP

Em 1807, o 2º Visconde é contemporâneo do drama da 1ª Invasão Francesa e da ocupação Franco-Espanhola da Cidade do Porto e do Norte de Portugal; oficial do Exército, adere logo em 1808 ao movimento de resistência à invasão de Junot tendo acompanhado a delegação portuguesa enviada a Londres pela Junta Provisional do Governo Supremo do Reino. Para além da causa patriótica, assistir-lhe-iam decerto justificadas motivações pessoais uma vez que foi vítima direta do saque perpetrado na sua biblioteca particular e que reduziu o fundo desta para menos de

²¹ In ‘*Compendio Historico e Topographico da Cidade do Porto*’. BPMP, Ms. 1901, fólio 32; esta referência encontra-se no Discurso III, Capítulo 41, intitulado Biblioteca Pública; não é ainda conhecido o autor deste documento, mas sabemos que dá por concluído o seu depoimento em 1804. Uma transcrição e publicação deste manuscrito pode ser consultada em apêndice à obra de SILVA, Francisco Ribeiro da, *O Porto: das Luzes ao Liberalismo* (Lisboa 2001).

metade. O testemunho de Balbi em 1822 é bem elucidativo a este propósito: “(...) la bibliothèq̃ue du vicomte de Balsamão, qui, avant le pillage qu'elle a souffert lors de la première invasion des Français, comptait 12000 volumes, et qui est réduite maintenant à 5000 (...)”²². Após as Invasões Francesas, a vida terá retomado a normalidade possível no Porto, na Casa Balsemão e na sua Biblioteca onde os “(...) literatos e homens instruídos que sempre n’esta caza tiverão recepção franca com singular estima de toda a família e principalmente do seu chefe; aos estudiosos patenteava-se-les a particular e rica livreria do Visconde (...)”²³.

Se o Porto foi o palco principal da Revolução Liberal de 1820, também não ficou imune às repercussões da Vilafrancada de 1823 e aos episódios político-militares ocorridos nos anos subsequentes. Os Liberais não terão perdoado a Luís Máximo de Sousa Coutinho e sua família o apoio ao Conde de Amarante e ulterior adesão ao renascimento absolutista²⁴. As tensões na

²² Recorremos aqui à edição facsimilada com estudo introdutório de Joaquim Romero Magalhães: BALBI, Adriano, *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d’Algarve* (Lisboa; Coimbra 2004). 2 vols.; a citação que reproduzimos encontra-se no vol. 2, p. 91 e o número de 5.000 volumes aventado por Balbi em 1822 afigura-se-nos credível, porquanto não anda muito longe dos 4.259 volumes arrolados no Auto de sequestro que veio a ocorrer 10 anos depois.

²³ REIS, Henrique Duarte e Sousa, *Apontamentos para a verdadeira historia antiga e moderna da cidade do Porto* [Manuscrito]. Vol. 5, f. 78. Apud CABRAL, Luís, op. cit., 26.

²⁴ Veja-se DIAS, Pedro Augusto, *Subsídios para a história política do Porto: 1823-1829* (Porto 1896) 10-20. Malograda a revolta militar de 1823, o 2º Visconde de Balsemão e o seu filho primogénito, apontados, entre outros, como os principais agentes do Conde Amarante, foram mandados sair da cidade (refugiando-se provavelmente na sua habitação de veraneio na Quinta da Revolta ou nos seus domínios em Lamego). Regressaram ao Porto dias depois, na sequência da entrada triunfante na Cidade do General Gaspar Teixeira (elevado posteriormente a Visconde do Peso da Régua), entretanto passado para o campo absolutista; a ligação da família Balsemão a Gaspar Teixeira é evidente, inclusive a nível de parentesco: a 8 de fevereiro de 1823, o filho primogénito do 2º Visconde, Luís José Alexandre Pinto de Sousa Coutinho (mais tarde, 3º Visconde de Balsemão), casa em primeiras núpcias com uma filha dos Viscondes do Peso da Régua. Na noite de 4 de junho de 1823 ocorreu uma récita de gala no Teatro de S. João “(...) com grandes applausos ao rei absoluto e aos heroes da restauração, espalhando-se por essa ocasião numerosas poesias, sendo uma da celebre poetiza Viscondessa de Balsemão [viúva do 1º Visconde] (...)”. Cremos ter descortinado o soneto em causa na Biblioteca Nacional Digital – PURL: <http://purl.pt/14736/1/P1.html>

sociedade portuguesa, designadamente entre constitucionalistas e absolutistas, haveriam de culminar na Guerra Civil de 1828-1834. Quando o exército liberal entra na Cidade do Porto, a 9 de julho de 1832, já o 2º Visconde de Balsemão, partidário da causa miguelista, tinha abandonado a cidade refugiando-se em Lamego onde viria a falecer a 2 de outubro desse ano. A livraria da família é oficialmente sequestrada em 12 de dezembro de 1832, permanecendo ainda mais alguns meses na casa do “sítio dos Ferradores” à guarda de Custódio Rodrigues Vieira, fiel depositário; na sequência do mandado de louvação de 1 de março de 1833 e dos ofícios (23 de março e 28 de maio desse mesmo ano) do Ministério dos Negócios Eclesiásticos e Justiça, sediado no Paço do Porto, a livraria é formal e finalmente inventariada e avaliada em 16 de julho. Na semana anterior, em 9 de julho de 1833, em pleno Cerco do Porto e na data do primeiro aniversário da entrada do exército libertador na cidade, D. Pedro instituía por decreto a Real Biblioteca Pública da Cidade do Porto.

O termo de entrega, a Diogo de Góis Lara de Andrade, da livraria sequestrada ao Visconde de Balsemão data de 1 de agosto de 1833 e em 7 de setembro desse mesmo ano o próprio Diogo Góis refere que “(...) a livraria do Pacheco se acha já no Hospício, arrecadada juntamente com a do Balcemão (...)”²⁵. Com efeito, a casa que servia de Hospício aos Religiosos de Santo António do Vale da Piedade, à praça da Cordoaria, foi o local onde — sob a alçada da Comissão Administrativa dos Conventos Extintos ou Abandonados da Província do Douro — foram depositadas e reunidas as livrarias pertencentes a conventos extintos ou a particulares considerados, pelos liberais, como rebeldes ou proscritos²⁶; estes núcleos documentais

²⁵ BPMP, Copiador 1833-1841, doc. 8. Ofício de 7 de setembro de 1833.

²⁶ Com as injustiças que sempre ocorrem nestas situações conturbadas até porque toda a regra tem, geralmente, a sua exceção e tal aplica-se com propriedade à família Balsemão: se esta, na sua maioria, foi apoiante do partido de D. Miguel, um filho do 2º Visconde, Vasco Pinto de Sousa Coutinho (mais tarde, 4º Visconde de Balsemão), foi um oficial liberal dedicado à causa, servindo primeiramente o General José Correia e Melo e depois o Marechal Saldanha. Registe-se que este Vasco Pinto de Sousa Coutinho foi Bibliotecário-Mor da Biblioteca Nacional de Lisboa, chegando a ser nomeado para a Real Biblioteca Pública da Cidade do Porto, mas não aceitou o lugar; o facto da livraria

fundadores, nos quais se incluía a Livraria Balsemão, constituíram, conjuntamente com a notável Livraria pessoal do Bispo D. João de Magalhães e Avelar, o primitivo fundo bibliográfico da Biblioteca Portuense. Não obstante o decreto fundacional advogar que a novel Biblioteca deveria “satisfazer a utilidade pública e a abertura todos os dias, excepto domingos e dias santos de guarda”, os constrangimentos decorrentes do Cerco do Porto, questões relacionadas com instalações, obras e acondicionamento das espécies, recursos humanos a alocar e volume de documentação a tratar, foram adiando o nobre desígnio de uma generalizada abertura ao público que viria a ocorrer, ainda que parcial e precariamente, em instalações no Paço Episcopal no mês de setembro de 1836. Todavia, só em 4 de abril de 1842 a Biblioteca foi definitivamente instalada e oficialmente aberta ao público no atual edifício de S. Lázaro onde ainda hoje se encontra²⁷.

O decreto fundador, resolvendo *de jure* a questão da instituição da Biblioteca Pública Portuense, não esgotou, *de facto*, as peripécias em torno da Livraria dos Viscondes de Balsemão. Na impossibilidade de reaver as espécies documentais que pertenciam à família por direito sucessório, coube ao 3º Visconde, Luís José Alexandre Pinto de Sousa Coutinho (1800-1852), na qualidade de herdeiro e representante da família, a condução do processo visando obter junto das autoridades da época a competente indemnização monetária. Esta pretensão e litígio inerente suscitaram a elaboração de um detalhado inventário realizado em 1846, mas baseado substantivamente em muitos elementos alusivos ao processo de sequestro ocorrido em 1832-1833. Este relevante documento manuscrito, ainda muito pouco conhecido/estudado e que adiante caracterizaremos, encontra-se atualmente no arquivo da BPMP.

A Livraria Balsemão viria finalmente a ser adquirida pelo Estado numa solução presumivelmente análoga à que ocorreu com a Livraria do

particular da sua família ter sido sequestrada e incorporada na Biblioteca Portuense terá, aventamos nós, certamente pesado na decisão.

²⁷ Sobre a história da Biblioteca Portuense, com diversas referências relevantes a fontes primárias e secundárias, remetemos para o estudo de CABRAL, Luís; MEIRELES, Maria Adelaide, *Tesouros da Biblioteca Pública Municipal do Porto* ([Lisboa] 1998) 3-20.

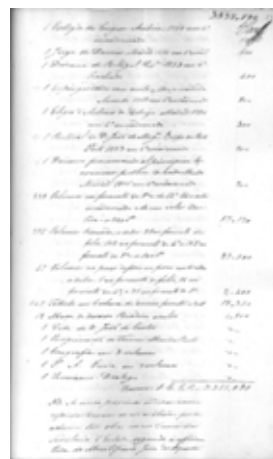
prelado D. João de Magalhães e Avelar, i.e., depois de ressarcidos os legítimos herdeiros, os bens terão sido formalmente incorporados na fazenda nacional e doados à Real Biblioteca Pública da Cidade do Porto, circunstância que, de facto, já sucedia. Não conseguimos descortinar, no códice acima mencionado ou noutras fontes, documento de quitação ou qualquer outro elucidativo da concretização desta transação referente à Livraria Balsemão, mas tudo leva a crer que tenha ocorrido, senão mesmo em 1846 ou anos subsequentes, muito provavelmente por meados de oitocentos²⁸ e pela importância da avaliação efetuada em 1833, ou seja: 3.355\$090²⁹.

3. O “Inventário” da Livraria Balsemão

Refira-se, desde já, que um estudo aprofundado da Livraria Balsemão está ainda por fazer e justificaria por si só, até pela sua dimensão quantitativa e qualitativa, um labor biblioteconómico e académico de expressivo fôlego não compatível, entre outros requisitos, com a necessária brevidade do presente trabalho. Não obstante, abalançamo-nos, numa escala mais modesta, a aventar algumas das suas principais linhas de caracterização.

²⁸ É o que sugere a Certidão de teor e narrativa solicitada no Porto [Juízo de Direito da Primeira Vara da Comarca], em 6 de Novembro de 1865, por José Alvo Pinto de Balsemão (e outros), relativa aos autos de inventário por falecimento de Luís Máximo Alfredo Pinto de Sousa Coutinho. É referida a Livraria depositada na Biblioteca da cidade, entregue ao primeiro Bibliotecário Diogo de Goes Lara de Andrade e já judicialmente louvada em 3:355:900. São identificados os co-herdeiros e as quantias que, do valor daquela verba, cabem a cada um. Cf. documento composto com o código de referência: PT/ADPRT/JUD/TCPR/158/00963; Fonte: Arquivo Distrital do Porto. URL: <http://pesquisa.adporto.pt/cravfrontoffice?ID=793872>.

²⁹ Quantia que, em termos proporcionais, não difere muito de outras avaliações atribuídas pelo erário público a diferentes livrarias sequestradas mas que, na ótica dos seus proprietários ou herdeiros, andava sempre distante do justo valor; por exemplo, a Livraria com cerca de 36.000 volumes que tinha pertencido ao Bispo do Porto, D. João de Magalhães e Avelar, foi, após pleito judicial, avaliada em 1843 por 24.000\$000, muito embora e num processo algo rocambolesco o Estado só viesse efetivamente a liquidar aos herdeiros a módica quantia de sete contos de réis.



Litígios referentes às Livrerias Balsemão e Garrett com o Município do Porto
[Manuscrito]. Fonte: BPMP

3.1. A fonte: caracterização e considerações sinópticas

Trata-se de um códice factício, cota antiga BPMP B-1-15, que ostenta na capa da encadernação, em letras maiúsculas douradas, o título *LITIGIOS REFERENTES ÀS LIVRARIAS BALSEMÃO E GARRETT COM O MUNICÍPIO DO PORTO*. O processo relativo à Livreria Balsemão, promovido pelo 3º Visconde, Luís José Alexandre Pinto de Sousa Coutinho (1800-1852), data de 1846 e consta de 6 documentos manuscritos:

[Doc. nº 1, 2 fls.] Porto, 25 de fevereiro de 1846.

Ofício do Secretário-geral do Governo Civil do Porto (Antonio Luis d’Abreu) dirigido a Antero Albano da Silveira Pinto (1º Bibliotecário). Em cumprimento de uma ordem do Ministério dos Negócios do Reino, de 21, transmite e solicita opinião sobre a proposta do Visconde de Balsemão em ceder o direito que tiver à Livreria de sua casa, em depósito na BPMP, pela quantia em que for avaliada.

Anotação: “Respondido em 10 de Março”.

[Doc. nº 2, 2 fls.] [Lisboa] Paço de Belém, 5 de julho de 1846.

Portaria [cópia manuscrita?] do Ministério do Reino ordenando à Real Bibliotheca Publica do Porto, a verificação e avaliação (3.355\$090 reis, em julho de 1833) de tudo o pertencente à Casa Balsemão e constante no

processo de sequestro existente no Juízo de Direito da 2ª Vara da Comarca, e ao Governador Civil do Porto que lhe remeta os “papeis”.

[**Doc. nº 3**, 2 fls., sendo 1 em branco] [Porto], 16 de julho de 1846.

Assinado pelo Juiz António Ferreira Sarmiento Pimentel e dirigido a José Manoel Teixeira de Carvalho (1º Bibliotecário). Acusa a receção de ofício com pedido de cópia autêntica do processo de sequestro.

[**Doc. nº 4**, 1 f.] [Porto], 16 de julho de 1846.

Assinado Visconde de Beire (Governador Civil do Porto) e dirigido a José Manoel Teixeira de Carvalho (1º Bibliotecário). Remete requerimento documentado do suplicante e requer a sua devolução juntamente com o catálogo ou relação exigida.

[**Doc. nº 5**, 2 fls., sendo 1 em branco] [Porto], 22 de julho de 1846.

Assinado pelo Juiz António Ferreira Sarmiento Pimentel e dirigido a José Manoel Teixeira de Carvalho (1º Bibliotecário). Remete cópia do processo de sequestro.

[**Doc. nº 6**, 58 fls.] [Porto], 22 de julho de 1846.

O escrivão diz proceder à cópia requerida. Seguem-se, não ordenados cronologicamente:

- Mandado de Louvação. Porto, 1 de março de 1833.
- Mappa da Livraria sequestrada ao [2º] Visconde de Balsemão. Porto, 16 de julho de 1833.
- Termo de entrega da Livraria sequestrada. Porto, 1 de agosto de 1833
- Auto de descrição (manuscritos). [Porto], 1 de agosto de 1833.
- Auto de descrição (livros, mapas, estampas, instrumentos, ...). [Porto], 1 de agosto de 1833.
- Ofício do Ministério dos Negócios Eclesiásticos e Justiça ordenando que o Juiz do Crime Interino do Bairro de Santo Ovídio ponha à disposição de Diogo de Goes Lara de Andrade todas as bibliotecas sequestradas pelo seu Juízo. Paço no Porto, 23 de março de 1833.
- Ofício do Ministério dos Negócios Eclesiásticos e Justiça ordenando que o Juiz do Crime Interino do Bairro de Santo Ovídio ponha à disposição do Ministério do Reino as bibliotecas que havendo já sido

sequestradas, avaliadas e postas em leilão, não tiveram louvadores. Paço no Porto, 28 de maio de 1833.

— Certidão da(s) cópia(s). [Porto], 22 de julho de 1846.

Este documento nº 6 é o mais relevante em termos de substância do conteúdo. Confirma a data de 12 de dezembro de 1832 como sendo a do Auto de sequestro e menciona um total de 4.259 volumes entre “(...) folhetos, livros e mappas encadernados e livros de figuras, que se acham na Livraria e alguns delles em manuscrito (...) vários papeis manuscriptos, gazetas não encadernadas e outras miudesas que se acharam na mesma Livraria (...)”. O mapa da livraria sequestrada, com 54 folhas, constitui o cerne do inventário propriamente dito, arrolando centenas de itens bibliográficos e atribuindo um valor patrimonial aferível a cada um destes bens móveis. Esta fonte manuscrita, inestimável apesar das suas compreensíveis lacunas, permite colher preciosos elementos relativamente a autores, títulos, local e data de edição, número e formatos dos volumes e encadernação. Contabilizamos 1.501 entradas/referências bibliográficas simples e, ainda, menções à existência de 590 volumes não discriminados e agregados em 3 parcelas (238+295+57 vols.), 645 folhetos, 12 maços de periódicos e 5 referências bibliográficas avulsas. Tudo isto perfaz um total de 2.753 itens documentais que importam num valor de avaliação global de 3.355\$090 reis. Se considerarmos que muitas entradas/referências correspondem a vários volumes e que variadas espécies documentais (manuscritos, mapas, estampas, ...) não foram discriminadas ou mesmo elencadas, não andaremos certamente muito longe dos 4.259 volumes mencionados no Auto de sequestro.

Uma ideia aproximada do teor da Livraria Balsemão poderá ser percecionada através da leitura e análise desta fonte primacial à guarda da BPMP. Numa observação muito preliminar, refira-se que estamos perante uma biblioteca eminentemente profana que, sem olvidar obras de cariz sacro, abrange uma ampla variedade de áreas do conhecimento humano: medicina e matéria médica, ciências físico-matemáticas, história natural, incluindo botânica e zoologia, economia agrária, direito, política, ciência e técnica militar, história, genealogia e heráldica, artes e ofícios, literatura e linguística, ... Impressos em prelos portugueses e estrangeiros, em latim e

em vernáculo, alguns cimélios ostentam marcas de antigos possuidores (Colbert, Sloane, Museu Britânico, ...) que justificariam estudo mais aprofundado. Verificamos também, aqui e ali, faltas e desaparecimentos. Alguns extravios terão acontecido ainda em vida dos Viscondes de Balsemão pois sabemos de empréstimos e doações por estes efectuadas (por exemplo, à Academia de Ciências de Lisboa), outros advieram certamente no decurso do conturbado processo de sequestro e depósito dos livros e, por último, algumas perdas ocorreram também já depois da incorporação na Biblioteca Portuense como é o caso do tristemente célebre descaminho do incunábulo *Tirant lo Blanch*.

Detetamos ainda, numa ou noutra obra, rasuras seletivas que denotam intervenções censórias, presumivelmente exercidas em antigos possuidores das espécies, como cremos ser o caso verificado no exemplar abaixo referenciado com a cota BPMP U-11-41; neste caso concreto e mais do que dirigida à obra em causa, a pena da censura incidiu sobre o autor Garcia Lopes, cristão-novo, cuja vida atribulada terminou num auto-de-fé consumado na praça de Évora em 14 de dezembro de 1572. Por outro lado, constatamos também a existência de muitos autores e títulos elencados no índice censório e expurgatório de 1624. Sabe-se que muitos livros impressos ou adquiridos no estrangeiro acabavam por chegar a Portugal, apesar de a censura também exercer o seu controlo nas alfândegas e nos portos. Terá sido o caso de muitas das obras que integram esta livraria nobiliárquica, até porque parece-nos verosímil admitir que os Viscondes de Balsemão não seriam abrangidos pelo regime censório vigente uma vez que, como é sabido, podiam ser concedidas licenças específicas para leitura e posse de livros proibidos a membros da aristocracia ou do clero.

Não existem, na fonte manuscrita ou nas próprias espécies documentais, indícios da Livraria Balsemão ter tido originalmente qualquer organização temática, topográfica ou outra, mas não podemos excluir liminarmente essa possibilidade. Outra questão a que ainda não conseguimos responder de forma taxativa, face aos elementos de que dispomos, prende-se com o mapa da livraria sequestrada: este relevante documento — uma cópia manuscrita de 1846, recorde-se — foi efetivamente elaborado de raiz aquando do arresto (formalizado em 16 de julho de 1833,

mas cujos trabalhos de arrolamento decorreriam, tanto quanto se infere, desde março desse mesmo ano) ou terá tido como base, parcial ou total, alguma relação de livros ou inventário de bens porventura já existente (casa, família, notário, ...) e que desconheceremos? A eventual e desejável reconstrução — na unidade possível — desta importante biblioteca nobiliárquica, a partir deste documento composto, seria seguramente uma empresa notável a vários títulos ainda que certamente árdua. Os problemas e obstáculos em tentar reconstituir bibliotecas dispersas a partir de fontes como inventários são bem conhecidos: incorreções ortográficas de autores e/ou títulos, transcrições incompletas ou erróneas (o que acontecia com alguma frequência em obras em latim e em línguas estrangeiras vernáculas), datações trocadas ou erradas, nomes e palavras ilegíveis ou sem nexos, entre outros constrangimentos.

Inevitavelmente, acrescem ainda dificuldades metodológicas e variáveis difíceis de perscrutar e interpretar. Um inventário oferece-nos sempre uma visão momentânea, por vezes algo cristalizada, de uma realidade, num dado momento e num determinado contexto. É também relevante, ainda que muitas vezes difícil ou mesmo impossível, tentar perceber as dinâmicas de uma biblioteca: se os livros foram, total ou parcialmente, herdados, oferecidos, comprados novos ou em segunda mão, se foram emprestados, apenas folheados ou lidos, como e por quem, ... Neste âmbito, é frequente um inventário de espécies bibliográficas levantar mais questões do que aquelas a que efetivamente responde. De todo o modo e como bem refere Pedraza³⁰ “(...) «Aunque no existe nunca la constancia de que el propietario haya leído todos los libros que posee, es precisamente el conjunto bibliográfico el que proporciona la información más preciosa sobre el propietario» (...)”.

3.2. Alguns livros científicos (sécs. XVI e XVII)

Em meados da centúria de oitocentos, a primordial Livraria Balsemão encontra-se já incorporada e dispersa na Real Biblioteca Pública da Cidade do Porto, tendo os seus impressos sido intercalados entre os primitivos

³⁰ PEDRAZA, Manuel, “Lector, lecturas, bibliotecas ...: el inventario como fuente para su investigación histórica”: *Anales de Documentación* 2 (1999) 147.

fundos bibliográficos desta instituição. Se a documentação manuscrita, com especial ênfase para a cartografia, originalmente pertencente à Livraria Balsemão está relativamente bem identificada e estudada, já no que concerne aos impressos avultam ainda muitas lacunas e investigação por efetuar até porque estes não possuem *ex-libris*, anotação ou qualquer marca de posse que, com uma ou outra exceção³¹, os identifiquem inequivocamente com tendo pertencido aos Viscondes de Balsemão.

Acrescem a estas contrariedades o facto de a grande maioria do fundo de livro antigo da BPMP não estar ainda processado bibliograficamente, mas apenas descrito muito abreviadamente em catálogos manuscritos, o que obriga a compulsar estes instrumentos de pesquisa e a cotejá-los com a fonte acima referida num processo moroso e, por vezes, algo intrincado. Não obstante estas dificuldades, identificamos, localizamos e selecionamos para o presente trabalho um conjunto de 23 impressos (12 do séc. XVI e 11 do séc. XVII) de teor científico pertencentes à primitiva Livraria Balsemão e cujas referências bibliográficas simples, organizadas por centúria e ordenadas alfabeticamente por autor pessoa-física ou coletividade, apresentamos abaixo.

Não cabendo no âmbito deste texto estudar cada uma das obras referenciadas infra, quase todas impressas em prelos estrangeiros, constata-se, numa análise assaz concisa, que este núcleo bibliográfico selecionado da Livraria Balsemão incide particularmente nas áreas da medicina (incluindo matéria médica) e história natural (incluindo botânica e zoologia), pontuando também algumas obras no domínio das ciências físico-matemáticas.

³¹ Singularmente, apenas logramos detetar numa única obra — cota BPMP Y1-3-29 — um carimbo (coevo, ulterior?) apostado na página de rosto ostentando a inscrição: 'Luis Pinto de Sousa'. Conseguimos também identificar e estabelecer uma inequívoca conexão anglo-lusa relativamente a uma almoeda do British Museum realizada em Londres em março de 1788, na qual Luis Pinto de Sousa Coutinho arrematou vários títulos que pertenceram à biblioteca pessoal de Sir Hans Sloane — cf. o nosso trabalho intitulado "No rasto português da biblioteca científico-médica de Hans Sloane: problemas e evidências": *Páginas a&b: Arquivos e Bibliotecas*, S. 2, 9 (2012) 91-108.

3.2.1 Impressos Quinhentistas:

AMATO LUSITANO, pseud., 1511-1568 — In Dioscoridis Anarzabei De medica materia libros quinque, Amati Lusitani... enarrationis eruditissimae. Accesserunt huic operi praeter correctiones... Lugduni: apud Theobaldum Paganum, 1558. [66], 808, [12] p. — BPMP U-2-47

COSTA, Cristovão da, 1540-1599 — Tractado de las drogas, y medicinas de las Indias Orientales con sus Plantas debuxadas al biuo por Christoual Acosta medico y cirujano que las vio ocularmente: ... En Burgos: por Martin de Victoria impressor de su Magestad, 1578. [20], 448, 36, [4] p. Contém: Tratado del elephante y de sus calidades. p. 417-448. — BPMP U-3-2

DIOSCORIDES, Pedanius, 1--a.C. — Dioskorides. Dioscorides [De materia medica; texto em grego antigo. Título uniforme: Opera]. Venetiis: in aedibus Aldi et Andreae Soceri, mense Iunio 1518. [12], 235 [i.é 243], [1] f. — BPMP U-2-43

DIOSCORIDES, Pedanius, 1--a.C. — Pedacio Dioscorides Anazarbeo Acerca de la materia medicinal y de los venenos mortiferos traduzido de lengua Griega, en la vulgar Castellana, y ilustrado com claras y substanciales Anotaciones, y con las figuras de innumerables plantas exquisitas y raras, por el Doctor Andres de Laguna... En Salamanca: por Cornelio Bonardo, 1586. [28], 616, [28] p. — BPMP U-13-21

FERNÁNDEZ DE OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo, 1478-1557 — Oviedo de la natural hystoria de las Indias... Toledo: R. de Petras, 1526. 54 f., caract. góticos. — BPMP U-12-8

HERON, de Bizâncio, ca 60 d.C. — Heronis Mechanici Liber de machinis bellicis, necnon, Liber de geodaesia. Venetiis: Apud Franciscum Franciscium Senensem, 1572. [4], 74 f. — BPMP R-9-108

L'ÉCLUSE, Charles, 1526-1609 — Caroli Clusii Atrebat. Rariorum aliquot stirpium per Hispanias obseruatarum historia, libris duobus expressa. Antuerpiae: ex officina Christophori Plantini, architypographi Regij, 1576. 529, [13] p. — BPMP U-2-27

LOPES, Garcia, 1520?-1572 — Garciae Lopii Lusitani, portalegrensis medici, Commentarii de varia rei medicae lectione, medicinae studiosis non

parum vtilis. Quorum catalogum ab epistola sequens pagella indicabit. Antuerpiae: apud Viduam Martini Nutij, 1564. [8], 86, [10] f.; 8º — BPMP U-11-41

LUIS, António, 14--1565 — Antonij Ludouici, medici olyssipponensis, De re medica opera quae hic sequuntur... Olyssippone: apud Lodouicum Rotorigium, 1540. 151 [i.e. 115], [1] f. — BPMP RES-XVI-B-31[2]

PEDRO HISPANO, ca 1220-1277 — Thesaurus pauperum Petri Hispani, pontificis romani... de medendis morbis humani corporis liber... nunc primum opera et studio Guilielmi Adolphi Scribonii... in lucem editus... Francof.: apud haered. C. Egen., 1576. 118 f. — BPMP X-9-48

SANCHES, Francisco, ca 1551-1623 — Franciscus Sanchez Philosophus et Medicus Doctor. Quod Nihil Scitur. Lugduni: apud Ant[onium] Gryphium, 1581. [8], 100 p. — BPMP Y1-3-29

TOMÁS, Álvaro, fl. 1509 — Liber de triplici motu proportionibus annexis magistri Aluari Thome. Ulixbonen[sis] philosophicas Suiseth calculat[i]o[n]es ex parte declara[n]s... Venundantur parrhisiis: a ponceto le preuxt, 1509 (Impressum Parris[iis]: per Guillermmum Anabat). [140] f. — BPMP Y1-3-40

3.2.2 Impressos Seiscentistas:

ACCADEMIA DEL CIMENTO (Florença, Itália) — Saggi di naturali esperienze fatte nell' Accademia del Cimento... e descritte dal segretario di essa Accademia. Seconda edizione. In Firenze: nella nuova stamperia di Gio. Filippo Cecchi, 1691. [16], CCLXIX, [23] p. — BPMP U-14-21

CASTRO, André António de, 15---1642 — Doctoris Andreae Antonii de Castro..., De februm curatione libri tres. Quibus accessere duo alii libelli De simplicium medicamentorum facultatibus; et alter De qualitatibus... - Villaviçosae : apud Emmanuelem Carvalho, 1436 [i.é 1636]. [12], 271 [i.é 270], [13] f. ; 2º — BPMP X-14-15

CASTRO, Rodrigo de, 1546-1627 — De universa muliebrum morborum medicina, novo et antehac a nemine tentato ordine opus absolutissimum pars prima theorica ... [pars secunda, sive praxis].

Hamburgi: Ex Bibliopolio Frobeniano, 1617. Duas partes em 1 vol. [24], 226, [41], [1 br.]; [4], 541, [43] p., [1] f. desd.; 4º — BPMP X-5-52

FRAGOSO, Juan, ca 1530-1597 — Aromatum, fructuum, et simplicium aliquot medicamentorum ex India vtraque, et Orientali et Occidentali, in Europam delatorum, quorum iam est vsus plurimus, historia brevis, vtilis, et iucunda... Argentinae : excudebat Iodocus Martinus, 1601. [8], 115, [1] f.; 8º — BPMP T-7-13

HÔTEL-DIEU (Paris) - Estat au vray du bien et revenu de l'Hostel-Dieu de Paris et de sa dépense journalière. Pour faire connoistre au public les vrayes necessitez des pauvres malades, qu'on est obligé d'y recevoir de toutes parts sans refus. Et encores és Hospitaux de Saint Louïs et de Saint Marcel, qui en dépendent. Paris[s.n.], 1651. [6], 74 p. — BPMP Z-11-63(6)

PERRAULT, Claude, 1613-1688 — Description anatomique, d'un cameleon, d'un castor, d'un dromadaire, d'un ours, et d'une gazelle. A Paris : Chez Frederic Leonard, impr. ordin. du roy ..., 1669. 120 p. — BPMP T-11-11

PISON, Guillelm, 1611-1678 ; MARCGRAF, Georg, 1610-1644 — Gulielmi Pisonis Medicij Amstelaedamensis de Indiae utriusque re naturali et medica libri quatuordecim, quorum contenta pagina sequens exhibet. Amstelaedami: apud Ludovicum et Danielem Elzevirios, 1658. 3 partes em 1 vol. [24], 327, [5] p.; 39 p.; 226, [2] p.: muito il.; 2º — BPMP U-13-2

PISON, Guillelm, 1611-1678; MARCGRAF, Georg, 1610-1644 — Historia naturalis Brasiliae... : in qua non tantum plantae et animalia sed et indigenarum morbi ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur. - Lugdun[um] Batavorum : apud Franciscum Hackium. - Amstelodami: apud Lud[ovicum] Elzevirium, 1648. - 2 partes em 1 vol. [12], 122, [2] p.; [8], 293, [7] p.: muito il., col.; 2º — BPMP U-13-4

PLÍNIO, o Velho, 23/24-79 — Historia natural de Cayo Plinio Segundo; traducida por el Licenciado Geronimo de Huerta... y ampliada por el mismo con escolios y anotaciones... En Madrid: por Luiz Sanchez, 1624. 2 v. ([28], 907 [i.e. 903], [28] p.; [16], 720, [15] p.): il.; Fol. — BPMP T-13-12

RAMIREZ DE CARRION, Manuel, 1579-1652 — Maravillas de naturaleza: en que se contienen dos mil secretos de cosas naturales: dispuestos por abecedario a modo de aforismos... recogidos de la leccion de diuersos y graues autores... En Montilla: en la imprenta de su Excelencia, por Iuan Batista de Morales, 1629. [8], 146 [i.e. 144] f.; 4º — BPMP S-8-11

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA (Lisboa) — Compromisso da Misericordia de Lisboa. Em Lisboa: por Antonio Aluarez, 1645. [2], 39, [1] f.: il. ; 2º — BPMP RES-XVII-B-160

Referências bibliográficas

- BALBI, Adriano, *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*. Lisboa: Imp. Nac.-Casa da Moeda; Coimbra: Fac. Economia da Universidade, 2004. 2 vols.
- BORRALHO, Maria Luísa Malato da Rosa, "*Por acazo hum viajante...*": a vida e a obra de Catarina de Lencastre, 1ª Viscondessa de Balsemão (1749-1824). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008
- BORRALHO, Maria Luísa Malato da Rosa, *D. Catarina de Lencastre (1749-1824)* [Texto policopiado]: *libreto para uma autora quase esquecida*. Porto: ed. autor, 1999. 2 vols.
- BRIGOLA, João Carlos Pires, *Colecções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003
- CABRAL, Luís; MEIRELES, Maria Adelaide, *Tesouros da Biblioteca Pública Municipal do Porto*. [Lisboa]: INAPA, 1998
- CARVALHO, Maria Leonor Mártires Martins de, *A Capitania de Mato Grosso durante o governo de Luís Pinto de Sousa, (1769-1772)* [Texto policopiado]: *subsídios históricos e documentais*. Lisboa: [s.n., D.L. 1996]. 2 vols.
- Compendio Historico e Topographico da Cidade do Porto*. BPMP, Ms. 1901, fólio 32
- COSTA, Júlio Manuel Rodrigues, "No rasto português da biblioteca científico-médica de Hans Sloane: problemas e evidências": *Páginas a&b: Arquivos e Bibliotecas*, S. 2, 9 (2012) 91-108
- CUNHA, Zenóbia Collares Moreira, *O pré-romantismo português: subsídios para a sua compreensão* [Texto policopiado]. Lisboa: ed. autor, 1992
- DIAS, Pedro Augusto, *Subsídios para a história politica do Porto: 1823-1829*. Porto: Typografia Central, 1896

- GONÇALVES, Adelto, *Gonzaga: um poeta do Iluminismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999
- LINK, Heinrich Friedrich, *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799*. Paris: Levraut, Schoell, 1803, tomo 1
- MARQUES, A. H. de Oliveira, *História da maçonaria em Portugal*. Lisboa: Presença, 1990, vol. 1
- MENDES, José M. Amado, “Memória sobre a Província do Minho pelo 2º Visconde de Balsemão”: *Revista Portuguesa de História* 18 (1980) 31-105
- MENEGAZ, Ronaldo, “Antônio de Moraes Silva (1757-1824)”: *Revista Convergência Lusíada* 24 (2007)
- PEDRAZA, Manuel, “Lector, lecturas, bibliotecas...: el inventario como fuente para su investigación histórica”: *Anales de Documentación* 2 (1999)
- REIS, Henrique Duarte e Sousa, *Apontamentos para a verdadeira historia antiga e moderna da cidade do Porto* [Manuscrito]. Vol. 5, f. 78
- SALGUEIRO, Nuno Miguel dos Santos, *Fabricar o território: os equipamentos do sistema produtivo português (1670-1807)*. Coimbra, 2006
- SILVA, Francisco Ribeiro da, *O Porto: das Luzes ao Liberalismo*. Lisboa: Inapa, imp. 2001
- TOPA, Francisco, *Poemas dispersos e inéditos de Luís Pinto de Sousa Coutinho, 1º Visconde de Balsemão*. [Em linha]. Porto: F. Topa, 2000
- VILANOVA, Joaquim Cardoso Vitória, *Edifícios do Porto em 1833* [Documento icónico]: *álbum de desenhos de Joaquim Cardoso Vitória Vilanova*. Porto: BPMP, 1987

* * * * *

Resumo: Apresenta-se um breve itinerário biográfico de Luís Pinto de Sousa Coutinho (1735-1804), 1º Visconde de Balsemão, alude-se à “Livraria” de que foi o principal obreiro e referem-se as principais vicissitudes que afetaram esta notável biblioteca aristocrática privada. A partir de um inventário manuscrito, ainda muito pouco conhecido e estudado, evidenciam-se sucintamente as principais linhas de caracterização da Livraria dos Viscondes de Balsemão, bem como alguns livros científicos, quinhentistas e seiscentistas, daí provenientes e atualmente à guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Palavras-chave: Luís Pinto de Sousa Coutinho; Livraria Balsemão; Inventário; Livro científico antigo; Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Resumen: Tras presentar un breve itinerario biográfico de Luís Pinto de Sousa Coutinho (1735-1804), 1º Vizconde de Balsemão, nos ocupamos de la “Librería” de la que fue artífice principal y relatamos los principales sucesos que afectaron a esta noble biblioteca aristocrática privada. A partir de un inventario manuscrito aún poco conocido y estudiado mostramos brevemente los trazos principales que caracterizan a esta Librería de los Vizcondes de Balsemão, así como algunos libros científicos de los siglos XVI y XVII que provienen de allí y que se encuentran en la actualidad al cuidado de la Biblioteca Pública Municipal de Oporto.

Palabras clave: Luís Pinto de Sousa Coutinho; Librería Balsemão; Inventario; Libro científico antiguo; Biblioteca Pública Municipal de Oporto.

Résumé: Nous procédons à un bref itinéraire biographique de Luís Pinto de Sousa Coutinho (1735-1804), 1º Vicomte de Balsemão, nous faisons allusion à la “Librairie” dont il a été le principal fondateur et nous faisons référence aux principales vicissitudes qui ont affecté cette remarquable bibliothèque aristocratique privée. Nous mettons succinctement en évidence, à partir d’un inventaire manuscrit, encore très peu connu et étudié, les principales lignes de caractérisation de la Librairie des Vicomtes de Balsemão, ainsi que certains livres scientifiques, des XVI^e et XVII^e siècles, qui en proviennent et qui, actuellement, sont à la garde de la Bibliothèque Publique Municipale de Porto.

Mots-clé: Luís Pinto de Sousa Coutinho; Librairie Balsemão; inventaire; livre scientifique que ancien; Bibliothèque Publique Municipale de Porto.